



JOHN RUSKIN  
*A Lâmpada da memória*

*Prof. Marco Pádua*

*“John Ruskin (Londres, 8 de fevereiro de 1819 – 20 de janeiro de 1900) foi um escritor mais lembrado por seu trabalho como crítico de arte e crítico social britânico. Foi também poeta e desenhista. Os ensaios de Ruskin sobre arte e arquitetura foram extremamente influentes na era Vitoriana, repercutindo até hoje.*

*O pensamento de Ruskin vincula-se ao Romantismo, movimento literário e ideológico (final do século XVIII até meado do século XIX), e que dá ênfase à sensibilidade subjetiva e emotiva em contraponto com a razão. Esteticamente, Ruskin apresenta-se como reação ao Classicismo e com admiração ao medievalismo. Na sua definição de restauração dos patrimônios históricos, considerava a real destruição daquilo que não se pode salvar, nem a mínima parte, uma destruição acompanhada de uma falsa descrição.*

*A partir de 1851, foi um defensor inicial e patrono da Irmandade Pré-Rafaelita, inspirando a criação do movimento Arts & Crafts.”*

Fonte: Wikipédia

(...) No que concernem as construções domésticas haverá sempre uma força, como no coração dos homens, certa limitação a esta maneira de ver; com certeza, eu não posso deixar de crer que será um mau presságio para um povo planejar suas casas para durarem somente uma geração. **Há positivamente em toda casa do homem de bem, uma grande santidade que não poderá ser renovada em outra habitação que se levante sobre suas ruínas, creio que os homens de bem a sentirão.** Tendo vivido felizes e veneráveis, se entristeceriam ao fim de seus dias diante da idéia de que sua morada terrestre, que foi testemunha de sua honra, de suas alegrias e de seus sofrimentos, que a moradia cheia de recordações e cheia de objetos amados expressando um zelo próprio, deva ser demolida enquanto esteja descendo ao seu tumulo; se entristeceriam diante de idéia de que nenhum respeito lhe foi reservado, nenhuma afeição, que seus filhos não tiraram nenhum proveito. Ante a idéia de que há um monumento em toda igreja e que não haverá para eles nenhum monumento de afeição nem em seu corações nem em suas moradas; que tudo que amaram será depreciado, e que o teto que os abrigaram e consolaram seriam convertidos em poeira. Creio que um homem de bem se abalará com esse temor, e creio também que um bom filho, que um descendente de coração, deverá temer comporta-se assim com a casa de seus pais. Se os homens viveram verdadeiramente como homens,

suas casas seriam templos, templos que apenas ousaríamos tocar e senti-los. Seria uma estranha falta de afeição e ingratidão a toda morada paterna e tudo o que foi ensinado pelos pais, uma traição a sua honra ou um sentimento de que nossa vida foi indigna de proporcionar uma morada sagrada para nossos filhos, para quê um homem queira construí-la para si mesmo perante sua curta existência de vida. Estas lastimosas construções de cal e argila, construídas precipitadamente ao redor de nossa capital – débeis cascalhos, vacilantes e sem cimento, cheios de lascas de madeira e falsas pedras – sombrias ordens onde preside a maldade, iguais e sem relação entre elas mesmas, as vejo não só como um desgosto de uma vida ultrajada, não só como a dor de ver a paisagem profanada, com o pressentimento penoso de ver-las negligentemente em seu solo natal contrapondo-se as raízes da grandeza nacional; o pressentimento que se propaga é o de um grande descontentamento popular, e o temor que elas não representem tudo o que todo homem aspirava, considerando uma esfera mais elevada e que não desmereça sua vida passada, quando os homens constroem na esperança de destruir o que haviam construído e viver na esperança de esquecer os anos que se passaram, na hora que o bem estar, a paz, a falta de religião e o sentimento de que sua existência e uma população lutadora e ocupada não se distinguirá da tenda árabe e do boêmio sem salubridade, menos felizes, haverá maior dificuldade em escolher, haverá sacrificado a liberdade sem lograr, a mudança, o repouso, a estabilidade e o atrativo da sua variedade.

Isto não é um mal superficial desprovido de conseqüências; é ameaçador, contagioso, cheio de falhas e de desgraças. Quando os homens não amam sua História, quando perdem o respeito por sua terra será prova de que a tenham desonrado e que nunca tenham reconhecido a verdade universal de um culto cristão, negar a idolatria dos pagãos. Nosso Deus é um Deus familiar tanto como é celestial.

Há um altar em cada lar humano. Que não se esqueçam aqueles que arremessam apressadamente os pedaços de suas casas ao longe. A maneira que é construída as moradias de uma nação, estáveis e metódicas, não são apenas para satisfazer visualmente ou ao orgulho pessoal, imaginação ou crítica. É um dever moral, respeito e punição quanto a negligencia, devemos construir nossas casas com cuidado, paciência, ternura, perfeição, prevendo uma longa duração conforme as transformações ocorridas no local. Mas isto não seria melhor se, quando possível, os homens construísem sua moradia, segundo suas condições, no começo de sua vida terrestre, e não quando chegasse a seu termino; se esta construção durasse o que se espera de uma construção solida, lembrando aos seus filhos seu passado, seriam assim recompensados. Quando construímos dessa maneira, teremos uma arquitetura verdadeira, inspirando todas as demais; desse modo haverá a mesma importância qualquer construção pequena ou grande, revestindo a pobreza da condição terrestre com a dignidade de se viver feliz.

Este espírito valente, nobre e pleno domínio de si mesmo, esta imutável consciência de uma vida satisfeita, é verdadeiramente, ao meu parecer, uma das principais fontes de grande força intelectual em todos os períodos; foi incontestavelmente a fonte primitiva da grande arquitetura antiga na Itália e na França. Em nossos dias mesmo, o interesse em uma das mais belas cidades depende, não da própria riqueza dos seus palácios, mas da decoração requintada e tratada com zelo de suas habitações, desde as menores, em todas as suas fases. Em Veneza, a obra arquitetônica mais trabalhada é uma pequena casa situada no início do Grande Canal: consiste em um sobrado, com três janelas no primeiro piso e dois no segundo. Muitas casas requintadas situam-se nos estreitos canais tendo diminutas dimensões. Uma obra das mais interessantes da arquitetura do século XV no norte da Itália é uma casa pequena de uma rua estreita, atrás da praça do mercado de Vicenza; data de 1.481 consistindo senão em um sobrado; cada pavimento contem três janelas cada separadas por um rica decoração de flores, com balcões suspensos, o do centro por uma águia com as asa abertas e os balcões laterais também decorados com motivos semelhantes. A idéia de que uma casa deva ser grande para estar bem construída, é completamente moderna; é semelhante aquela que toda pintura não será histórica se as dimensões da tela não permitir que os personagens sejam maiores que o natural.

Eu quisera ver nossas habitações comuns construídas solidamente e tão bonitas, tão ricas e cheias de encanto quanto possível por dentro e por fora. Vou dizer mais adiante em que medida pode se assemelhar seu estilo e comodidade dos seus hospedes e naturalmente podendo expressar sua historia. ***O direito sobre a casa é, a meu ver, propriedade de seu primeiro construtor; seus filhos devem respeitá-lo.*** Seria conveniente que em certos lugares se colocassem pedras lisas onde se pudessem gravar um resumo de sua vida e de sua experiência; desse modo a casa serviria de memorial, difundindo este habito anteriormente utilizado entre habitantes da Suíça e Alemanha, de agradecer a Deus a oportunidade de construir e possuir um agradável lugar de repouso, cuja inscrição oportunamente usaremos para concluir. Há uma em uma fachada de uma pequena casa recentemente construída em meio aos verdes campos nas encostas do povoado de Grindewald no inicio da primavera:

*Confiantes e de coração, Johannes Mooter y Maria Rubi construíram esta casa. Que Deus bendito nos proteja contra todo infortúnio ou perigo, e nos permita trazer prosperidade, na viagem através dos infortúnios dos tempos, até o paraíso celeste onde habitam os santos; Deus irá recompensá-los com sua coroa de paz por toda a eternidade.*

Nos edifícios públicos a intenção histórica devia ser mais definida. Uma das vantagens da arquitetura gótica – me sirvo aqui da palavra gótica na sua aceção geral, como oposta a clássica – é de admitir uma riqueza de detalhes sem limites. A minúcia e a multiplicidade de seus decorados esculturais permitem expressar, simbólica ou literalmente, o que é digno de ser conhecido dos sentimentos ou dos grandes feitos nacionais. Se necessitará, sem duvida, um maior numero de decorados que os carentes de um maior refinamento; mesmo nos períodos mais reflexivos, uma boa parte ficou abandonada aos caprichos da imaginação ou consiste em simples repetição de armas e símbolos nacionais. Chegou a parar equivocadamente na simples ornamentação das superfícies, renunciando a força e o privilegio da variedade do espírito da arquitetura gótica; principalmente em seus elementos importantes, capitéis de coluna e relevos, cordões e bem entendido, toda classe de baixo relevo. ***Mas vale um trabalho grosseiro que narre uma historia ou recorde um fato que uma obra por mais rica que seja sem significado.*** Nossos grandes monumentos cívicos não deveriam ter somente um enfeite sem um objetivo cultural. A representação da historia tem nesta época moderna uma dificuldade, que embora parecesse insignificante, mas sem solução: a de não ser importante. Graças, porem, a uma imaginação e a uma execução suficientemente atrevida, graças a um generoso emprego simbólico, estes obstáculos seriam superados, talvez não a ponto de produzir uma obra satisfatória, mas em ultimo caso converter-se em um elemento expressivo e soberbo no conjunto arquitetônico. Tomemos, por exemplo, os capitéis do palácio Ducal de Veneza. É confiado a historia propriamente dita suas pinturas interiores, mas cada um dos capitéis de suas arcadas é diferente em representação. A grande pedra angular de união na entrada simboliza a justiça abstrata; sobretudo há uma escultura representando o “Juízo de Salomão”, notável por seu destaque como elemento decorativo. As figuras se fossem imprescindíveis para a composição do tema estariam prejudicadas pela interrupção da linha angular, perdendo sua força de expressão; assim, sem se relacionar com elas mesmas, e precisamente entre o carrasco e a mãe suplicante, se levanta o tronco espesso de uma grande arvore que se sobressai e completa o ângulo, juntamente com a massa de folhas salientes que enriquece o conjunto. Por debaixo das folhagens há um capitel contendo as figuras de Trajano e Aristóteles, compondo com outros motivos inteligíveis. A sucessão de capitéis restantes representa sucessivamente, as Virtudes como garantia de paz e das forças da nação, e os Vícios causando as perdas; por ultimo representa-se a Fé com a inscrição *Fides optimo in Deo est*. Do outro lado do capitel tem uma figura adorando o Sol. Depois vem um ou dois capitéis estranhamente decorados com pássaros e outros contendo frutos e animais de diversos países sob Veneza. (...)